



Num quarto de hospital, Alexandre passa a noite em claro, em contagem regressiva para um transplante de medula. Do alto dos seus 14 anos, ele enfrenta uma leucemia que o isolou do mundo e pôs seus sonhos entre parênteses.

Desse lugar distante, se recorda dos amigos do colégio, da garota de quem gosta, da sua família. Entre o que lembra e o que planeja, estende-se o fio da sua vida, ameaçado pelo futuro incerto.

175833

ISBN 978-85-418-1418-8



9 788541 814188



O tempo das surpresas

Caio Riter



O tempo das surpresas

Caio Riter

ILUSTRAÇÕES

Adams Carvalho



**O tempo
das surpresas**

© Caio Riter, 2007

COORDENAÇÃO EDITORIAL Fabio Weintraub e Graziela Ribeiro dos Santos

PREPARAÇÃO Agnaldo Holanda

REVISÃO Carla Mello Moreira, Gislane Maria da Silva e Marcia Menin

REDAÇÃO “QUER SABER?” Eliane Jover

EDIÇÃO DE ARTE Rita M. da Costa Aguiar

PROJETO GRÁFICO Natalia Zapella e Laura Daviña

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Alexander Maeda

IMPRESSÃO Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riter, Caio

O tempo das surpresas / Caio Riter ; [ilustrações
Adams Carvalho]. – 2. ed. – São Paulo : Edições SM,
2020.

ISBN 978-85-418-1418-8

I. Literatura infantojuvenil I. Carvalho, Adams.
II. Título.

20-35127

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª edição fevereiro de 2007

2ª edição 2020

Todos os direitos reservados à

SM Educação

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz, 55

Água Branca 05036-120 São Paulo - SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.grupo-sm.com/br



O tempo das surpresas

Caio Riter

ILUSTRAÇÕES
Adams Carvalho





Sumário

Tempo de lembranças	7
Tempo de descoberta	13
Tempo de listas	19
Tempo de pai.....	31
Tempo de doença	37
Tempo de sonho.....	45
Tempo de Peter	51
Tempo de beijos	59
Tempo de amizades	67
Tempo de família	75
Tempo de alegria.....	83
Tempo de medo	91
Tempo de choro.....	97
Tempo de morte	103
Tempo de colégio.....	109
Tempo de viagem.....	117
Tempo dos tempos	125
Quer saber?	129

Tempo de lembranças



A floresta é escura. Escura demais. Árvores altas, pequeno caminho, picada aberta por alguém que talvez tenha se perdido por ali, levemente iluminada pelo luar, que consegue, vez ou outra, perfurar o telhado dos galhos. Um pio de coruja, um voo noturno, um eco de passos nas pedras do caminho. Estou perdido. Sinto medo. Medo demais.

Abro os olhos.

De novo, o sonho. A floresta escura, os passos que me seguem. O medo.

Dessa vez, consegui acordar antes de encontrar as cobras. Negras, bocas arreganhadas, prontas para o bote. E o grito. Meu grito.

Mas consegui evitar.

Sempre desperto com meu próprio grito. Banhado de suor.

Hoje escapei, abri os olhos no momento em que ouvi as pisadas nas pedras. Estou fraco, por isso abri meus olhos, por isso fugi do meu maior desejo: saber de quem são aqueles

passos firmes que me seguem na floresta. Barulho de folhas e pedregulhos sendo amassados por pés pesados.

A floresta.

Os passos.

Na cama ao lado da minha, neste ambiente que cheira à limpeza, a minha mãe dorme. Sei que seu sono não é tranquilo, sei que sofre por mim, mesmo que ela sempre sorria e traga na boca uma palavra de alento. Sei o que se passa com ela. Sei o medo que sente. Medo que eu também sinto. Meus olhos correm por seu rosto, gostaria de acariciá-la, mas não posso me afastar da cama, o líquido goteja, goteja, aos pouquinhos, vai entrando em mim. Não posso fugir dele. Não posso.

8

E a noite recém-começou. Muitas horas ainda nos afastam do sol que entrará pela janela que a enfermeira abrirá, deixando que um vento fresco de primavera invada este quarto que não é meu. Mas é. Ao longe, poderei, cortinas afastadas, ver o pico



de um ipê-amarelo florido. Porém ainda é noite, início de escuridão, os ruídos no corredor, poucos, um ou outro gemido, uma ou outra palavra que não consigo ouvir direito. Dita para alguém, com alguma intenção que eu, aqui nesta cama, só posso imaginar, inventar, fantasiar. Desde pequeno, minha mãe sempre diz, gosto de inventar palavras.

Agora, no entanto, olhos em minha mãe, que ressona querendo zelar pelo filho doente, penso no que fui, no que sou. Valerá a pena enfrentar mais uma noite? Sempre. Talvez. Quem saberá? Me concentro no relógio sobre a cômoda. Os ponteiros parecem congelados.

Amanhã é o dia.

Mas ele demora a chegar. Eu me distraio pensando em mim e me vejo. Sou eu que vou lá, correndo pela rua, montado em minha *bike*. De um lado, o Cachorrão; do outro, o Rodrigo. Meus melhores amigos. Meus chapas. E o melhor de



tudo: estudamos na mesma sala. Os três na disputa pelo amor da Bianca. E ela? Tudo feito na maior parceria. Bons tempos aqueles. Estes, agora, são outros. Tempo de limpeza, tempo de poucos contatos, rostos cobertos por máscaras. Será que alguém já catalogou todos e tantos vírus e bactérias e vermes e germes e sei lá o quê que andam soltos por aí a contaminar todo mundo, sem discriminação alguma? Bandidos e mocinhos, velhos e crianças, homens, mulheres, negros, brancos. Todos. Ninguém livre deles. Eles, os senhores que decidem sobre a vida.

10

Tô meio apocalíptico hoje. Hoje? Se a Mary Anne me ouvisse agora, riria. Falaria que Alexandre é sinônimo de algo fatídico. A maluca da Mary Anne acha que eu sempre vejo desgraça onde nem sinal de fumaça há. Coisas de norte-americana adoidada, revoltada, drogada. Mas, no fundo, eu até que gosto da Mary Anne. Tenho pena dela. Queria vê-la numa boa.

Sei lá, às vezes acho que é normal ela ser assim. Tem lá suas razões. A mãe morrer daquele jeito. Enfim, sei lá. Queria ver se ela tivesse que passar pelo que tô passando. A rebelde ianque.

Mas o pensamento é assim mesmo, uma ideia puxa a outra, que puxa outra, que puxa a primeira de volta. Eu vendo meus amigos. O Cachorrão e o Rodrigo de *bike*, descendo a ladeira. Acho que íamos ao colégio. Aulas de recuperação do Cachorrão, ou algum trabalho em grupo pra fazer, eu e o Rodrigo pra dar força, nós três na esperança de ver a Bianca.

E ela nem aí pra nós. Naquele tempo.

Quantos meses antes da notícia? Não sei. Perdi a noção dos dias, tudo é muito igual aqui dentro deste quarto todo branco, todo limpo.

O tempo corre. O tempo para. Já não me importo muito com ele. Por vezes, um desejo de que passe logo e que me traga boas-novas. Outras vezes, fico a querer que pare mesmo, e pra sempre, sobretudo quando minhas forças retornam, ou quando fico sabendo, caçando as palavras distraídas de uma ou outra enfermeira a dizer que algum dos adolescentes hospitalizados se foi.

Não recebeu alta, como mente minha mãe.

Ela tem lá seus medos. Assim como eu. Sempre me fala tudo, porém sei que há coisas em que ela evita tocar. No seu lugar, creio que eu faria o mesmo. Não deve ser fácil ser mãe numa hora dessas. Tenho pena dela. Às vezes, mais do que de mim mesmo.

Agora, no entanto, ela consegue dormir. O cansaço de levar esta vida meio louca, entre hospital e trabalho, tá derrubando a pobre da dona Manoela. O Peter dá a maior força, mas ele não é meu pai.

Meu pai teve que retornar aos seus afazeres. Ele sempre tem que retornar aos seus afazeres. Dia sim, dia não, ele me liga. Pergunta se tô bem, se preciso de alguma coisa. O “alguma coisa” dele deve ser dinheiro. Deposita na conta da minha mãe, sem qualquer dia de atraso, a pensão. Boa pensão, como repetia sempre antes da doença. Agora não fala mais, mas noto que ele segue pensando assim, embora, de tempos

em tempos, a mãe perceba que ele depositou alguma grana a mais na conta. Aí, ela liga, diz a ele que não era necessário, que se precisar pede, coisa e tal.

Eu fico imaginando ele, do outro lado do mundo, dizendo com sua voz pausada, que parece jamais se alterar:

– Manoela, por favor. Vai que precisa.

– Mas não estamos precisando, Artur.

– Vai que precisa. E, depois, não está me fazendo falta – deve dizer, numa tentativa de convencer a si mesmo do que fala.

– Nem pra nós, Artur. Se precisar eu peço.

– Mas, Manoela, vai que precisa.

12

Vai que precisa e ele lá longe. Do outro lado do mundo. Bem longe.

Longe como parecem estar esses tempos que puxo pela memória. Preciso de lembranças boas, só quero as boas.

Amanhã é o dia.

O hoje até que me trouxe uma surpresa.

Boa surpresa.

A maior de todas neste meu tempo de hospital.

Acho que ainda tô em estado de graça. Que surpresa!

Mas amanhã é o dia. E nada pode mudar isso.

Nem a mais bela de todas as surpresas. Nem.

Tempo de descoberta



O melhor mesmo, antes de lembrar o dia em que fomos ao colégio de *bike*, seria apresentar meus amigos. Tenho muitos, como todo adolescente. Mas dois se destacam. Dois são daquele tipo que parecem irmãos. Não os irmãos verdadeiros, que são uns chatos de marca maior. Parece que nascem exatamente pra isso: pra serem chatos, pra encher o saco da gente. Só pra isso.

Eu até não tenho muita experiência com irmãos. Só o Lucas, mas o coitado tem cinco anos. Ele tá naquela idade em que não presta pra nada, a não ser mexer nas coisas do irmão, e chorar, fazer birra, riscar tudo o que aparece pela frente, sem lógica alguma: cadernos de matemática ou de história, trabalhos digitados, prontos pra ser entregues, livros de ciências, e por aí vai, a lista é longa demais. Ah, e como adora falar. É só ele aparecer e não tem pra ninguém. Parece que engoliu um papagaio. Ou dois.

Não, não falo desses irmãos de sangue, nascidos de mesmo pai e/ou mesma mãe. Falo dos irmãos escolhidos, aqueles junto

de quem a gente curte ficar, em qualquer momento, aqueles pra quem a gente nem pensa antes de contar um segredo, como, por exemplo, estar a fim da Bianca, mesmo sabendo que os amigos-irmãos também estão a fim dela. Puxa. E com tanta menina no colégio, fomos os três desejar a mesma garota! É que é a Bianca. Difícil não ficar a fim dela, mesmo sabendo que ela morre de amores pelo tal do Daniel.

Lá vou eu mudando de assunto de novo. Até acho que a vida é mesmo assim, minha mãe é que fala isso. A gente planeja, planeja, pra que tudo dê certo, e, de repente, não mais que de repente (ela adora dizer isso, bem assim mesmo), a vida dá uma guinada e tudo muda de figura. O que era sonho vira pesadelo. Mas não era disso que eu tava falando, tava era dizendo dos meus amigos, meus quase irmãos. Irmãos mesmo. O Rodrigo e o Cachorrão. Aí, acabei falando da Bianca e quase que me perco falando daquele abobado do Daniel. Nada a ver.

Bem, o Cachorrão na verdade se chama Luiz Guilherme. Um dia uma menina, não lembro o nome dela, já faz um tempão, chamou-o de cachorrão. Aí a gente ficou debochando, o colégio todo, e o apelido pegou. Cachorrão. Claro que o apelido não tem nada a ver com a ideia de o cachorro ser amigo do homem e essas coisas. Não, é cachorro de fazer cachorrada. E meu amigo Luiz Guilherme, quando se trata de fiação, é mesmo um cachorro. E dos grandes. O Cachorrão é alto, forte, vive malhando, todo metido a conquistador. As garotas acabam caindo no papo dele. Todas. Sem exceção. Quer dizer, há duas exceções: a Bianca, claro, que ele ainda não pegou, e a Maria Victória, é, assim mesmo, com “C”, a gente até engasga



quando vai dizer o nome. Victória. Por que os pais dela não colocaram o nome da coitada de Vitória logo, sem esse “C”? Pai e mãe inventam cada uma... Escolhem cada nome... Certa vez, nós tivemos uma colega chamada Lusma. Pode? Então. O pessoal acabou chamando a infeliz de Lusma Lesma, e o pior é que ela era superdevagar mesmo. Pra tudo. Uma lesma. Ficou só um ano no colégio. O pai era militar, voltou pro interior.

Tá, mas, apesar do nome e do apelido, o Cachorrão ficou com a Lusma Lesma. Nem ela escapou. Como disse, só escaparam a Bianca e a Maria Victória, que é feia de doer. A mais feia da classe, pobrezinha. E chata. Ninguém convida a coitada pras festas. Se bem que nem precisa convidar, pois, se ela descobre que tem festa, aparece na maior cara de pau. Se faz de boba pra passar bem. E, quando ela faz uma festa, quase não vai ninguém. Nós fomos uma vez. O Rodrigo disse que a Bianca iria. Foi nada. E a gente teve que aguentar a Maria Victória e suas amigas. Todas do sétimo ano. Um bando de chatinhas. E a gente já no nono. Foi duro de segurar. Sorte que o Cachorrão inventou uma dor de barriga e a gente se mandou.

E tem o Rodrigo. Um cara meio esquentado, mas super-divertido, sempre inventando alguma bobagem pra gente rir. Joga capoeira e tá sempre com aquela cara negra arreganhada num sorriso de dentes brancos. Porém não o chamem pra briga. O cara parece que pira.

Eu e o Rodrigo, diferentes do Cachorrão, nunca passamos de uns amassos e de uns beijos. O Cachorrão já foi mais longe. Pelo menos foi o que nos disse numa noite em que dormimos na casa dele, depois da festa de aniversário da Lisa. Também,